

Decomposição lexical em primitivos semânticos e analiticidade: sobre a possibilidade de derivar “kill” de “cause to die”

(Lexical decomposition in semantic primitives and analicity: on the possibility of deriving ‘kill’ from ‘cause to die’)

Alex de Britto Rodrigues¹

¹Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal do Paraná

britto4r@gmail.com

Abstract: This paper aims to analyze some central arguments related to the debate between atomists and decompositionalists concerning lexical meaning. First, some general atomist arguments are described in order to establish the discussion. After that, analicity, a basic matter related to inferences which result in semantic primitives, is closely analyzed. Finally, some decompositionalist approaches are focused on in order to realize how they respond their critics.

Keywords: semantic primitives; analicity; lexical decomposition.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar alguns argumentos centrais no debate entre atomistas e decomposicionistas no que se refere ao significado lexical. Primeiramente, alguns argumentos gerais atomistas são descritos. Depois, a analiticidade, uma questão central relacionada às inferências das quais os primitivos semânticos derivam, é analisada de modo mais detalhado. Finalmente, algumas abordagens decomposicionistas são analisadas, principalmente no que diz respeito ao modo como elas respondem a seus críticos.

Palavras-chave: primitivos semânticos; analiticidade; decomposição lexical.

Introdução

Nas décadas de 1960 e 1970, Lakoff, entre outros (McCawley, 1968; Fillmore, 1968), passou a promover a ideia de que a gramática transformacional corresponderia à geração de um conjunto de estruturas semânticas. Sua teoria consistia em postular que há propriedades semânticas alinhadas com propriedades sintáticas de tal modo que, assim como traços sintáticos se combinam no processo de geração de sentenças, marcadores semânticos se combinam no processo de *geração* de significado. Essa semântica gerativa, conforme Lakoff (1976 [1963]), propunha-se a se contrapor à semântica interpretativa proposta por Katz e Fodor (1963) e Katz e Postal (1964).

Para Lakoff (1976 [1963]), a semântica interpretativa não é convincente por não sugerir regras semânticas independentes da sintaxe, pois apenas após a geração de uma sentença a semântica poderia contribuir para sua interpretação. Para essa proposta, uma interpretação semântica só é possível a partir de uma estrutura sintática superficial, sem que regras transformacionais possam contribuir. Em outros termos, caso seja retirada da descrição sincrônica de uma língua natural a parte correspondente à gramática (sintaxe, fonologia, morfologia), o que sobra é a semântica (“synchronic linguistic description minus grammar equals semantics” – Katz; Fodor, 1963, p. 172). Opondo-se a essa perspectiva, a semântica gerativa propõe estruturas semânticas abstratas que explicariam, segundo Lakoff (1976 [1963], p. 49), a sinonímia das seguintes sentenças:

1. John enraged Bill.
2. John made Bill very angry.
3. John made Bill become very angry.

Em “enraged”, estaria contido o sentido de “made very angry”, ou de “made become very angry”. Isso, conforme a semântica gerativa, sugere que o sentido de “enrage” é *gerado* pela combinação dos elementos “make”, “become” e “very angry”. Como resultado dessa perspectiva, o significado de um item lexical pode ser explicado pela decomposição em um vocabulário correspondente a outros significados. Não é o objetivo deste trabalho detalhar as bases e os argumentos da semântica gerativa (perspectiva teórica que deixou de ter continuidade na década de 1980 em razão da perda do debate com seus opositores e da mudança de interesse de seus propositores), mas, sim, focar nesse tipo de decomposição que passou a ser desenvolvida em propostas teóricas posteriores (JACKENDOFF, 1983, 1990, 2002; PINKER, 2008).

A perspectiva decomposicionista sugere um nível de representação em que um item lexical pode ser decomposto em “unidades menores” abstratas, os “primitivos” (também chamados de “primitivos conceituais”, “primes”, “predicados primitivos”, entre outros termos). Nessa perspectiva,¹ seguindo a ideia de decomposição de “enrage”, como visto anteriormente, a palavra “bachelor” poderia ser representada como “man not married”, e “kill” teria como representação algo como “cause to die”, o que parece capturar intuições a respeito desses itens. Nosso foco de consideração será a decomposição de itens verbais.

O artigo de Fodor (1970) “Three reasons for not deriving ‘kill’ from ‘cause to die’” pode ser considerado um dos primeiros trabalhos influentes a respeito da posição contrária à perspectiva decomposicionista. A argumentação do autor, desenvolvida também em trabalhos subsequentes (FODOR et al., 1980; FODOR 1998, 2003), tem como objetivo defender a posição atomista a respeito do significado lexical (isso estaria de acordo com a tese mais geral de que o falante não aprende conceitos, sendo estes, além de atômicos, inatos).

Na sequência, analisaremos os argumentos de Fodor, visando principalmente a buscar aqueles centrais no debate entre decomposicionistas e atomistas. Com base nisso, poderemos sugerir como um ponto central nesse debate a questão da analiticidade. Posteriormente, analisaremos duas perspectivas decomposicionistas que visam a rebater a posição de Fodor.

Não correspondência entre um item lexical e sua decomposição

A seguir, veremos alguns argumentos da perspectiva atomista que podem ser considerados centrais no debate entre decomposicionistas e atomistas. Esses argumentos, por vezes, são mal interpretados ou são ignorados por seus debatedores.

¹ Pressupostos da perspectiva decomposicionista podem ser vistos muito antes, em filósofos clássicos, mas não é o objetivo deste trabalho traçar um histórico dessa perspectiva e de suas bases epistemológicas.

Argumentos para não derivar “kill” de “cause to die”

Em seu artigo de 1970, Fodor, contrapondo-se a Lakoff (1965), busca demonstrar por que não é adequado decompor um item lexical em primitivos semânticos. Os argumentos de que o autor se vale podem ser resumidos da seguinte maneira: uma sentença com um determinado item lexical não pode corresponder a outra sentença em que o mesmo item seja substituído por primitivos; não sendo as duas sentenças correspondentes, uma não pode conter a representação semântica da outra. Vejamos os exemplos do autor:

- 4.a John caused Mary to die and it surprised me that he did so.
- 4.b John caused Mary to die and it surprised me that she did so.
- 4.c John killed Mary and it surprised me that he did so.
- 4.d *John killed Mary and it surprised me that she did so.

Em 4.a e 4.b, as sentenças contêm os primitivos “cause to die”, que corresponderiam ao item “kill”, presente em 4.c e 4.d. A expressão “do so” retoma “caused Mary to die” em 4.a, “to die” em 4.b e “killed” em 4.c. Como “kill” seria representado por “cause to die”, 4.c parece corresponder adequadamente a 4.a. Porém, como em 4.b “do so” retoma “to die”, em 4.d “do so” também deveria retomar “to die”, já que esse conceito está presente em “killed”. Como 4.d é agramatical, é possível dizer que “kill” e “cause to die” têm comportamentos diferentes, não sendo, portanto, equivalentes. Assim, “kill” não seria uma “palavra” mais complexa do que “cause” e “die”.

Fodor continua demonstrando que uma sentença com um determinado item lexical “mais complexo” não equivale a outra que substitua esse item por itens “mais simples”. Vejamos os exemplos:

- 5.a John caused Bill to die on Sunday by stabbing him on Saturday.
- 5.b *John killed Bill on Sunday by stabbing him on Saturday.
- 6.a John caused Bill to die by swallowing his tongue.
- 6.b John killed Bill by swallowing his tongue.

Novamente, uma sentença não se mostra como uma paráfrase ou uma representação adequada da outra. Em 5.a e 5.b, há uma diferença de escopo da expressão adverbial de tempo, pois “on Saturday” predica, em 5.a, apenas “caused”, ao passo que, em 5.b, a mesma expressão adverbial não pode predicar “caused” simplesmente porque não há esse verbo (se houvesse esse verbo, mesmo que na estrutura profunda de “kill”, seria possível “on Saturday” predicá-lo; como não há “caused”, “on Saturday” só pode predicar “kill”, que já está sendo predicado por “on Sunday”, o que causa a agramaticalidade).

Em uma perspectiva decomposicionista, o raciocínio de Fodor estaria errado por ele estar confundindo um item lexical com sua representação semântica, ou seja, essa representação não tem que se comportar como uma sentença. Porém, caso se defenda que Fodor esteja ignorando ou não esteja percebendo isso, não se estarão considerando alguns pressupostos do autor, explicitados de modo mais claro em trabalho posterior (FODOR et

al., 1980, p. 268, tradução nossa, grifos do autor), em que o tipo de decomposição tratado aqui é referido como “definição”:

[...] definições são uma parte útil da teoria da linguagem e do mundo *apenas se* elas resultarem em uma base de primitivos independentemente interpretada. Ou seja, definições aparecem seriamente em teorias da linguagem e do mundo somente se: (a) todas as expressões de uma língua são equivalentes a expressões no vocabulário de sua base de primitivos; (b) a base de primitivos é notavelmente menor do que o léxico; e (c) as extensões das expressões na base de primitivos podem ser fixadas sem mais apelo para a noção de definição.

Portanto, para o autor, definições/decomposições são úteis apenas se os primitivos puderem ser independentemente interpretados e ter suas extensões fixadas, assim como ocorre com os itens do léxico. Mais adiante, quando tratarmos algumas propostas decomposicionistas, voltaremos a essa questão.

Identificação da diferença entre um item lexical simples e um item lexical complexo

Na perspectiva decomposicionista, “killed” teria uma representação semântica, composta por algo como “cause to become dead”,² mais complexa do que “bit”, sem “cause” em sua representação. Considerando isso, Fodor *et al.* (1980) recorre a um teste capaz de comparar duas sentenças com a mesma estrutura superficial, mas com relações abstratas diferentes:

7.a John killed Mary.

7.b John bit Mary.

Nesse teste, o falante deve indicar o grau de relação entre “John” e “Mary” nas duas sentenças. Como “killed” poderia ser reescrito como “caused to die”, e “bit” seria mais “primitivo”, é esperável, de acordo com a perspectiva decomposicionista, que o falante indique uma relação mais forte em 7.b do que em 7.a.

Vale dizer que, em uma primeira fase desse teste, o autor busca validá-lo com outras comparações entre sentenças com a mesma estrutura superficial, mas com representações abstratas diferentes, em que o falante deveria dizer em qual sentença os constituintes são mais relacionados.³ Como nessa primeira fase o resultado foi favorável à validação do teste (ou seja, os falantes foram capazes de estabelecer graus diferentes de relação entre os constituintes de acordo com as estruturas abstratas das sentenças), os falantes perceberiam, caso “killed” tivesse realmente uma estrutura abstrata mais complexa do que “bit”,

² Em geral, os decomposicionistas apresentam os primitivos semânticos em caixa alta. Porém, neste momento, estamos discutindo a argumentação de Fodor, autor que não se preocupa com essa convenção.

³ Nosso objetivo não é descrever todo o teste do autor, muito menos os detalhes dessa primeira fase. Basta dizer, aqui, que nessa primeira fase de validação são comparadas sentenças envolvendo diferenças abstratas relacionadas à oposição entre sentenças com os verbos “expect” e “persuaded” (“John expected/persuaded Mary to leave”), à oposição entre sentenças com “eager” e “easy” (“John is easy/eager to please”), à oposição entre sentenças com os objetos “who” e “her” (“John married somebody but we don’t know who/her”) e à oposição entre sentenças com diferentes quantificadores.

a relação entre os constituintes “John” e “Mary” mais forte na sentença com “bit”, em 7.b, do que com “killed”, em 7.a.

O resultado do teste correspondeu à expectativa de Fodor: não foi encontrada uma diferença significativa entre os julgamentos dos falantes que sugerisse um grau de relação entre “John” e “Mary” diferente entre 7.a e 7.b. Portanto, o autor consegue mais uma evidência de que entre “killed” e “bit” não há diferenças no que diz respeito à complexidade de suas representações semânticas. Em razão disso, ambos os itens devem ser representados semanticamente com o mesmo grau de complexidade, e a perspectiva atomista mostra-se mais adequada a esse propósito.

Tanto esse teste como as considerações mostradas na subseção anterior a respeito dos motivos para não se derivar “kill” de “cause to die” podem ser considerados em um mesmo tipo de argumento: uma sentença com um item lexical não corresponde à outra sentença em que esse mesmo item seja substituído por primitivos semânticos porque as duas sentenças teriam estruturas semânticas diferentes. Enquanto “kill” seria um átomo semântico/conceitual, “cause” também seria.

Analiticidade e postulados de significado

A argumentação da perspectiva atomista demonstrada na seção anterior nem sempre é considerada por decomposicionistas (DOWTY, 1979), mas tem sido combatida em certo grau⁴ por meio do levantamento exaustivo de primitivos semânticos recorrentes. Porém, outra questão, mais profunda ou mais básica relacionada à decomposição em primitivos, a analiticidade, é menos considerada (Pietroski (2003) a considera, o que justifica analisarmos sua proposta mais adiante) quando se trata de se contrapor à posição atomista.

Discutido extensamente dentro da filosofia (KANT, 1998 [1781]; FREGE, 1980 [1884]; CARNAP, 1947), podemos descrever, de modo simplificado, o conceito de “analiticidade” da seguinte maneira: analiticidade é a propriedade de uma sentença que faz seu valor de verdade ser independente da verificação na realidade. Assim, uma sentença analítica não falha em ser verdade, diferentemente de uma sentença sintética, cujo valor de verdade precisa ser confirmado pela verificação na realidade e, portanto, tem uma importância epistemológica. Assim, um significado analítico é algo *a priori*, ao passo uma relação sintética é algo *a posteriori*.

Exemplos de significado analítico considerados mais problemáticos são encontrados no léxico. Por exemplo, um falante que conheça o significado de “kill” saberia, *a priori*, que esse item corresponde a “cause to die” sem precisar fazer qualquer verificação na realidade, isto é, a afirmação de que “killed” é igual a “caused to die” sempre é verdadeira para quem conhece o significado de “kill”. Por outro lado, uma relação do tipo “John stabbed Mary John killed Mary” possui um valor de verdade que precisa ser verificado na realidade; logo, essa relação é sintética.

⁴ Jackendoff (1990), como será visto, e Pinker (2008), por exemplo, mesmo que não derrubem definitivamente os argumentos citados, afirmam que Fodor não estaria considerando adequadamente as intuições dos falantes ou, nas palavras de Pinker (2008, p. 117), Fodor teria um “desprezo pelo bom senso”, comentário que serve de exemplo como os argumentos são desconsiderados no debate.

Porém, a distinção entre analítico e sintético foi posta em xeque por filósofos como Quine (1953). Para o autor, nenhuma sentença é imune à verificação, o que equivale a dizer que toda a sentença é, em algum grau, sintética. Por exemplo, a sentença “a bachelor is an unmarried man”, usada muitas vezes como exemplo de analítica ou como exemplo de decomposição em primitivos, para Quine, poderia ter seu valor de verdade, considerado normalmente como verdadeiro *a priori*, revisto. Um exemplo de como a distinção entre analítico e sintético pode ser problemática é dado por Putnam (1975): a sentença “gatos são animais” parece ser analítica, mas digamos que seja verificado e descoberto que todos os gatos, na verdade, são robôs; então, o que parecia verdadeiro *a priori* se mostraria falso.

A relação entre um item lexical e sua representação semântica constituída por decomposição em primitivos consistiria em uma relação analítica. Porém, como a definição de “analítico” é problemática, como visto, a decomposição lexical de que estamos tratando também não deixaria de ser. Isso Fodor (1998) busca demonstrar a partir do que ele chama de “Inferential Role Semantics” (IRS).

Para Fodor (1998), IRS é toda teoria que identifica o conteúdo inferencial de um conceito com sua representação semântica, o que é feito pelas teorias que sugerem decomposições/definições. Portanto, aceitar uma teoria decomposicionista é aceitar que um conceito é definido por inferências. Desse modo, um decomposicionista aceitaria a inferência BACHELOR UNMARRIED MAN, ou seja, o conceito BACHELOR é definido por UNMARRIED MAN. Porém, nada garante que essa definição seja capaz de representar o conceito BACHELOR porque nada garante que essa definição seja analítica, e muitas outras inferências poderiam ser feitas para definir esse conceito sem que se possa decidir qual o representa corretamente.

As inferências presentes nas definições, conforme Fodor *et al.* (1980) as entende, formam argumentos informalmente válidos (uma vez que elas não utilizam um vocabulário lógico, mas, sim, temos como CAUSE, BECOME e UNMARRIED). As regras que governam essas inferências, para o autor, correspondem ao que a literatura chama de “postulados de significado” (“meaning postulates”). Assim, uma determinada regra inferencial, isto é, um determinado postulado de significado, define KILL CAUSE TO DIE. Com base nisso, a crítica de Fodor (1998, p. 111) é previsível: não é possível diferenciar postulados de significado de conhecimento em geral. Em outros termos, não é possível diferenciar a representação semântica decorrente da decomposição em primitivos conceituais do conhecimento enciclopédico.

Além disso, para Fodor *et al.* (1980) e Fodor (1998), os conceitos são composicionais, diferentemente de muitas inferências. Um conceito como BROWN COW é complexo porque é resultado da composição de dois conceitos simples, BROWN e COW, ou seja, BROWN e COW BROWN COW. O mesmo não ocorre em CAUSE TO DIE KILL, pois esse caso depende de uma inferência, enquanto o anterior só depende de uma composição. Um defensor da perspectiva decomposicionista poderia dizer que em KILL é resultado da “composicionalidade” de CAUSE e TO DIE, mas considerando a problematização exposta, nada garantiria que KILL não possa ser o resultado da “composicionalidade” de CAUSE e BECOME CORPSE, ou qualquer outra inferência.

Propostas decomposicionalistas

Na sequência, analisaremos como duas propostas de decomposição lexical consideram os argumentos atomistas expostos. A escolha dessas propostas pode ser justificada por serem em certa medida representativas entre as opções disponíveis e por fazerem referência direta à argumentação de Fodor. No entanto, entendemos que outras propostas com essas características poderiam ser analisadas, sendo as consideradas na sequência, portanto, apenas um recorte parcialmente arbitrário.

Estruturas semânticas de Jackendoff

Jackendoff (1983, 1990) sugere uma teoria semântica alinhada com o programa gerativista, isto é, assume que um conjunto infinito de sentenças é gerado por um conjunto finito de regras. Essa teoria precisa atender às seguintes exigências (JACKENDOFF, 1983, p. 11): a) ser capaz de expressar todas as distinções semânticas de uma língua; b) apresentar estruturas semânticas universais; c) atender ao critério da composicionalidade, em que os significados de partes de uma sentença combinam-se para formar o significado da sentença inteira; d) dar conta formalmente de propriedades semânticas, como sinonímia, analiticidade e pressuposição, em especial da noção de “inferência válida”.

Buscando atender a esses critérios, o autor propõe um nível de representação de “estruturas conceituais” em que estruturas semânticas se sobrepõem a diversos sistemas de percepção (motor, visual, entre outros), havendo interações entre esses sistemas na constituição dessas estruturas conceituais. Dentro dessa abordagem, os significados das palavras (JACKENDOFF, 1983, p. 109-126) são tratados como representações mentais internalizadas em que uma perspectiva extensional identifica, por exemplo, o significado de “cachorro” com o conjunto de todos os cachorros em todos os mundos possíveis.

Essa abordagem teórica passa a se diferenciar radicalmente da visão de Fodor ao propor que o significado lexical tem estrutura interna formada por primitivos conceituais disponíveis em um conjunto finito. Porém, por mais que Jackendoff (1983) estipule a existência de diversos primitivos semânticos, a lista a que ele chega por meio de generalizações a partir de padrões de significados de itens lexicais ainda está em aberto. Seu mérito está em buscar restrições para as inferências que resultam nesses primitivos.

Objetivando uma fundamentação cognitiva para as informações presentes na estrutura conceitual, o autor observa que o tipo de expressão mais elementar presente em diversas versões da lógica formal é a “constante individual”, expressão que se refere a um indivíduo fixo. Portanto, uma categoria ontológica primária pode ser sugerida, a qual o autor denomina [THING]. Na interação entre os sistemas sensoriais e a estrutura semântica, outras categorias ontológicas são necessárias: [PLACE], [DIRECTION], [ACTION], [EVENT], [MANNER] e [AMOUNT]. Essas categorias são determinadas seguindo duas restrições: uma cognitiva, pois cada categoria pode ser evocada deiticamente, o que relacionaria uma evidência do campo visual a questões semânticas; e uma gramatical, pois cada categoria pode ser relacionada a um tipo de estrutura, como perguntas WH (“o que você comprou?”, [THING]; onde está meu casaco? [PLACE]; aonde eles foram?, [DIRECTION]; o que você fez?, [ACTION]; o que aconteceu?, [EVENT]; como você fez?, [MANNER]; quanto durou a pescaria?, [AMOUNT]).

Desse modo, toda informação presente na estrutura conceitual, de acordo com Jackendoff (1983), deve ter um respaldo cognitivo e gramatical. Seguindo esse princípio, o autor acrescenta outras duas categorias conceituais que caracterizam as categorias ontológicas anteriores, a saber: [TOKEN] e [TYPE], sendo que a primeira corresponde a uma constante e a segunda corresponde a uma classe/tipo. Desse modo, [THING], por exemplo, pode ser [THING TOKENS] ou [THING TYPE]. A sentença “Clark Kent é o super-homem” relaciona dois [TOKENS], ao passo que a sentença “Clark Kent é um repórter” relaciona um [TOKEN] e um [TYPE], considerando que as duas categorias conceituais sempre correspondem a sintagmas de determinantes (DPs).

Conforme padrões diferentes de significado dos itens lexicais são percebidos, novos princípios ou restrições são formulados a partir dessas categorias, permitindo que regras de inferência sejam, a princípio, formalizadas, e primitivos semânticos sejam sugeridos. A estrutura conceitual de que esses primitivos fazem parte pode ser lexicalizada de diversas maneiras. Por exemplo, as sentenças (JACKENDOFF, 1983, p. 183) “the dog entered the room” e “the dog went into the room” teriam a mesma estrutura conceitual: [Event GO ([Thing DOG], [Path TO ([Place IN ([Thing ROOM])])])]. Porém, o verbo “go” lexicaliza [Event GO ([Thing x], [Path y])] e a preposição “into” lexicaliza [Path TO ([Place IN ([Thing z])])], ao passo que o verbo “enter” lexicaliza todas essas partes sozinho: [Event GO ([Thing x], [Path TO ([Place IN ([Thing z])])])].

O exemplo inicialmente considerado neste trabalho, do verbo “kill”, lexicaliza a seguinte estrutura conceitual: [Event CAUSE ([Thing x], [Event GO ([Thing y], TOcirc ([y DIE])])]). Leia-se: “kill” corresponde a um evento em que “y” vai para a circunstância em que “morre”, o que é “causado” por “x”. Cada primitivo (em caixa alta) corresponde a uma função. CAUSE, por exemplo, é uma função que relaciona uma entidade do tipo [THING], ou um evento do qual essa entidade é um agente, a outro evento.

Por mais que o autor busque restrições às regras de inferência, a quantidade dos tipos de estruturas conceituais e a lista dos primitivos semânticos continuam em aberto. Isso significa que as regras inferenciais que permitem chegar a essas estruturas são revistas sempre que um padrão semântico/conceitual é sugerido. Graças às restrições dessa abordagem, não são possíveis quaisquer inferências, mas ainda não fica claro o limite delas.

Outro problema que Jackendoff procura resolver é a diferença que deveria existir entre o processamento de um item lexical simples e um item lexical complexo (diferença que Fodor, como visto anteriormente, procura demonstrar que não existe). O autor (JACKENDOFF, 1983, p. 125) afirma que não há razão em supor que o processamento semântico reflete a complexidade semântica interna de uma palavra. Uma palavra deveria ser considerada como uma codificação de um “agrupamento” (“chunk”) de informações semânticas. Assim, um “agrupamento” de informações como o lexicalizado em “kill” e um “agrupamento” como o lexicalizado em “bit” ou “die” não seriam processados de modos diferentes, ao passo que uma estrutura superficial como “cause to die” corresponderia a “agrupamentos” diferentes e, nesse caso, seria processada de modo diferente. Porém, desse modo, os primitivos semânticos são considerados tão abstratos que não é possível identificar um modo concreto de interpretá-los e fixar suas extensões, conforme exigências que Fodor propôs. Além disso, esse argumento de Jackendoff torna a teorização a respeito dos primitivos semânticos não (ou, pelo menos, pouco) falseável, o que pode ser visto como um problema epistemológico.

A semântica de eventos e o programa minimalista na abordagem de Pietroski

A abordagem teórica de Pietroski (2003) resulta em um tipo de decomposição lexical consideravelmente diferente do proposto por Jackendoff. O objetivo central do autor é explicar as estruturas causativas combinando a semântica de eventos (DAVIDSON, 2001 [1967]) com o programa minimalista. Para tanto, parte da seguinte inferência considerada por ele como analítica: “John boiled the water” “The water boiled”. Tendo ciência da crítica de Fodor a respeito desse tipo de inferência, o autor busca justificá-la dizendo que construções transitivas como a primeira sentença resultam do “merging” entre verbos intransitivos e vezinhos.

A motivação para a aceitação dessa inferência, cuja forma é “x V y, então y V”, também se deve ao fato de vários verbos se comportarem da mesma maneira, como “melted”, “froze”, “broke”, “opened”, etc. (o que costuma ser chamado de “alternância causativa”). O autor afirma que, na inferência citada, o verbo na sentença transitiva e o verbo na sentença intransitiva são o mesmo, o que torna a inferência válida. Caso fossem considerados verbos diferentes, a inferência não seria formalmente válida e, segundo o autor, consistiria em um “postulado de significado” (novamente, ele evita um elemento criticado por Fodor). Vale notar que o autor também considera os pares “kill/die” e “rise/rose” no mesmo tipo de inferência válida, afirmando que os verbos dentro desses pares não seriam, assim como os casos acima citados, verbos diferentes (teriam corpos fonológicos diferentes em razão de idiosincrasias históricas) e, então, configurariam possibilidade de alternância causativa.

Pietroski aceita a inferência “John boiled the water, so the water boiled”, como já dito, mas não aceita que “John caused the water to boil” seja uma representação subjacente de “John boiled the water”. Isso se dá porque o autor, novamente, busca fugir da crítica de Fodor (sobretudo a presente no artigo de 1970). Então, como tenta justificar a inferência sem o uso do primitivo “cause”, o autor sugere que a estrutura subjacente seria: [x [v [boil y]]], em que “v” é um item não realizado cujo significado tem alguma relação com causalidade. O que o autor faz é substituir “cause” pelo vezinho, inclusive mantendo atrelado ao vezinho a noção de causa.

Para explicar a noção de “causa”, Pietroski recorre à semântica de eventos, segundo a qual em um evento complexo há uma ação que causa um evento. A ideia é que o vezinho expressa uma relação binária entre essa ação e esse evento, algo que, na abordagem de Jackendoff, é feito por CAUSE. Em uma semântica de eventos, essa relação binária seria estabelecida por um predicado R, que determina que um evento (a ação) resulta em outro evento.

Chomsky (2003), comentando o trabalho de Pietroski, afirma que a visão do autor a respeito da analiticidade é problemática uma vez que a propõe a partir de decomposição lexical, o que não seria válido para Quine (que foi citado por Pietroski para afirmar que a crítica à noção de analiticidade foi contornada). Convém observar que a crítica de Fodor às inferências ditas “analíticas” decorrentes de decomposição lexical vale também para a proposta de Pietroski.

Por último, dizer que há um elemento abstrato que relaciona subeventos em uma estrutura lexical interna, e dizer que essa relação é de causalidade, equivale a manter o

primitivo CAUSE, que Pietroski não quis corroborar para contornar as críticas de Fodor. Esse elemento abstrato (seja algo relacionado ao vizinho ou o predicado R) estabelece, então, uma relação de acarretamento entre subeventos, função que Chomsky (2003, p. 305) afirma que um primitivo semântico poderia desempenhar:

It is to be expected that however restricted, semantic primitives (whether taken to be lexical “atoms,” or components of them) do not determine “meaning” or “perfect paraphrase” as such terms are commonly understood, even if they do determine such semantic relations as entailment.⁵

De modo geral, Chomsky reconhece que a proposta de Pietroski é promissora, mesmo com problemas técnicos a serem resolvidos.

Conclusão

Tivemos como objetivo analisar algumas questões centrais no debate entre atomistas e decomposicionistas que são, muitas vezes, negligenciadas. Do lado decomposicionistas, ainda é preciso, por exemplo, responder de modo adequado à crítica a respeito da analiticidade e das inferências que resultam em decomposições. As duas propostas de decomposição mencionadas neste trabalho são exemplos disso, pois ambas insistem em se valer da noção de analiticidade sem conseguir contornar totalmente os problemas apontados por Fodor.

Do lado atomista, as críticas feitas aos decomposicionistas muitas vezes não levam em conta a natureza dessas decomposições. Como visto, Fodor procura demonstrar como uma decomposição em primitivos semânticos não encontra respaldo em estruturas sintáticas, não levando em conta que tais primitivos possam teoricamente corresponder a um nível de abstração não necessariamente apreensível por suas análises e testes (caso tivesse considerado isso, talvez pudesse tecer críticas a respeito de uma possível não falsabilidade).

De todo modo, as inferências que permitem chegar a estruturas conceituais com primitivos semânticos, mesmo que precisem ser mais bem formalizadas e delimitadas, contam com vários dados possivelmente alinhados a julgamentos positivos dos falantes. Porém, além de ainda haver espaço para mensurar tais julgamentos, os decomposicionistas precisam demonstrar formalmente por que suas perspectivas são mais adequadas que a dos atomistas, e não dizer apenas que, com tantos dados empíricos, defender a perspectiva decomposicionista é uma questão de “bom senso”.

⁵ É esperado que, embora restritos, os primitivos semânticos (sendo “átomos lexicais” ou componentes deles” não determinam o “significado” ou a “paráfrase perfeita” como tais termos são normalmente entendidos, mesmo que eles determinem relações de acarretamento. (tradução nossa)

REFERÊNCIAS

- CARNAP, R. *Meaning and Necessity*. Chicago: University of Chicago Press, 1947.
- CHOMSKY, N. Reply to Pietroski. In: ANTONY, L. M.; HORNSTEIN, N.(Org.). *Chomsky and his critics*. Malden, MA: Blackwell, 2003.
- DAVIDSON, D. *Essays on Actions and Events*. Oxford: OUP, 2001 [1967].
- DOWTY, D. R. *Word Meaning and Montague Grammar*. Boston: Reidel, 1979.
- FILLMORE, C. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. T. (Org.). *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart & Winston 1968.
- FODOR, J. Three reasons for not deriving “kill” from “cause to die”. *Linguistic Inquiry*, Massachussets, n. 4, v. 1, p. 429-438, out. 1970.
- _____. *Concepts: where cognitive science went wrong*. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- _____. *Hume variations*. Oxford: Clarendon Press, 2003
- FODOR, J.; GARRETT, M. F.; WALKER, E. C. T.; PARKES, C. H. Against definitions. *Cognition*, n. 8, p. 263-367, 1980.
- FREGE, G. *The Foundations of Arithmetic*. 2. ed. London: Blackwell, 1980 [1884].
- JACKENDOFF, R. *Semantics and cognition*. Cambridge: MIT Press, 1983.
- _____. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.
- _____. *Foundations of language: brain, meaning, grammar, evolution*. New York: Oxford University Press, 2002.
- KANT, I. *The Critique of Pure Reason*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998 [1781].
- KATZ, J. J.; FODOR, J. The structure of a semantic theory. *Language*, v. 39, n. 2, p. 170-210, 1963.
- KATZ, J. J.; POSTAL, P. *An integrated theory of linguistic description*. Cambridge: The MIT Press, 1964.
- LAKOFF, G. *On The Nature of Syntactic Irregularity*. Cambridge: Havard University Press, 1965.
- _____. Toward generative semantics. In: McCAWLEY, James D. *Notes from the linguistic underground*. New York: Academic Press, 1976 [1963].
- McCAWLEY, J. D. The role of semantics in a grammar. In: BACH, E.; HARMS, R. T. (Org.). *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart & Winston 1968.
- PIETROSKI, P. M. Small verbs, complex events: analyticity without synonymy. In: ANTONY, L. M.; HORNSTEIN, N. (Org.). *Chomsky and his critics*. Malden, MA: Blackwell, 2003.
- PINKER, S. *Do que é feito o pensamento*. Tradução de Fernanda Ravagnani. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.
- PUTNAM, H. It Ain't Necessarily So. In: _____. *Philosophical Papers*, Cambridge: Cambridge University Press, 1975. v. 1, p. 658-671.
- QUINE, W. V. O. Two Dogmas of Empiricism. In: _____. *From a logical point of view*. Cambridge: Harvard University Press, 1953.